

CICLO DE CINEMA

03 MAR 17:00



DOMINGOS NA CASA DO CINEMA

MANOEL DE OLIVEIRA ESPECTADOR

A REGRA DO JOGO

SESSÃO 05

03 MAR, 17:00

LA RÈGLE DU JEU

A REGRA DO JOGO, 1939

Realização e produção: Jean Renoir
Argumento: Jean Renoir e Carl Koch
Direção de fotografia: Jean Bachelet
Montagem: Marthe Huguet e Marguerite Renoir
Direção de arte: Max Douy e Eugène Lourié
Guarda-roupa: Coco Chanel
Direção de som: Joseph de Bretagne
Interpretação: Nora Gregor (Christine de la Cheyniest), Paulette Dubost (Lisette), Mila Parély (Geneviève de Marras), Odette Talazac (Madame de la Plante), Claire Gérard (Madame de la Bruyère), Marcel Dalio (Marquês Robert de la Cheyniest), Julien Carette (Marceau), Roland Toutain (André Jurieux), Gaston Modot (Edouard Schumacher), Jean Renoir (Octave) e Pierre Magnier (Le général).

Produção: Nouvelles Éditions de Films
Cópia: 1.37:1, preto e branco, a exhibir em formato DCP
Duração: 110 minutos
País: França
Estreia: 8 de julho de 1939 (Paris, França)

JEAN RENOIR, O IRREVERENTE

Era eu ainda muito novo, quando pela primeira vez se me ofereceu a oportunidade de ver, no cinema Olímpia do Porto, *La Petite Marchande d'Allumentes* (1928), um dos primeiros filmes de Jean Renoir. Isto aconteceu ainda antes de implantada a ditadura em Portugal. Foi um realizador que se veio afirmando como uma das figuras fundamentais da cinematografia francesa e universal. Creio, porém, que a sua cinematografia não deixou discípulos ou influências, pelo menos diretas, porque era um homem *sui generis* e creio mesmo que particularmente rebelde e irreverente.

No panorama cinematográfico nenhum outro realizador há que se lhe assemelhe. Apenas nos filmes de Jean Vigo, não por influência, mas por temperamento, sinto o mesmo toque irreverente. Veja-se *À propos de Nice* (1929-30), *Zéro de conduite* (1933) ou *L'Atalante* (1934). E, porque não mesmo, *La Natation* (1931)?

Passada a candura de *La Petite Marchande d'Allumetes*, Jean Renoir entra verdadeiramente na sua peculiar personalidade, que afirma de um modo intenso em *Boudu sauvé des eaux* (1933), como em nenhum outro seu filme, essa sua particularidade de irreverência. Mas não devemos nem podemos esquecer outros aspetos que em muito enriquecem a sua personalidade, sem perda deste seu lado irreverente, ainda que por vezes atenuada, embora sempre presente. Destacamos *La Grande Illusion* (1937), *La Règle du Jeu* (1939) ou *Carrosse d'Or* (1953) e *French-Cancan* (1955) ou *Élena et les hommes* (1956).

Irreverente como? Eis o que se torna difícil de explicar, porque este caso se dirige mais a um sentir, um estar fora das correntes normais sem qualquer intenção particular ou

ideia determinada de as atacar. Tal como se fora a ação de uma criança, quando se torna conscientemente inconveniente. Ou, por outras palavras, seria como agir por impulsos, tal como os animais o fazem por instinto. Mais fácil de sentir do que explicar, por ser uma *nuance* no abstrato, e não a rigidez duma definição concreta de dicionário.

A *Nouvelle Vague* seduziu-se com o cinema de Jean Renoir, e Renoir ficou muito sensibilizado por ver que esses jovens realizadores o admiravam. Assim, de certo modo, gostaria de lhes corresponder e o melhor modo, senão o único válido, seria o de realizar um filme à maneira da *Nouvelle Vague*. Mas, na impossibilidade, declarou que gostaria de o fazer, porém não se sentia capaz de agarrar a fórmula. Ou, melhor dito, de sair da sua irreverente personalidade, para se inserir em qualquer outro contexto artístico e, menos ainda, se envolver numa fórmula comum, como não deixava de ser a da *Nouvelle Vague*, tal como essa outra anterior, a do *neorealismo* italiano.

Há realizadores que se abrem às correntes dominantes, enquanto outros se isolam em suas próprias regras, como Max Linder, Victor Sjöström, Griffith, Charles Chaplin, Carl Dreyer, Pudovkin, Eisenstein, Luís Buñuel, Bergman, Godard, Mizoguchi, Orson Welles, ou mais recentemente Paulo Rocha, Wim Wenders, Tarkovski, Sokurov, Kiarostami e alguns outros. A este tipo de realizadores pertence o irreverente Renoir, e foi exatamente por isso que ele se declarou incapaz de se adaptar à *Nouvelle Vague*, o que lamentou, por cortesia e por simpatia para com esses jovens críticos e realizadores. E, assim, Jean Renoir ficou para sempre Jean Renoir, o *irreverente*.

Manoel de Oliveira
(*Manoel de Oliveira, Ditos e Escritos*, Fundação de Serralves, 2021, pág. 235-236)

FILMOGRAFIA

Na sua estreia: o maior falhanço da carreira de Renoir. Em retrospectiva: a sua obra-prima. Renoir apontara demasiado alto, e ainda que muitos dos seus filmes tenham necessitado de alguns anos para encontrar uma audiência mais ampla, *A Regra do Jogo* foi, durante décadas, apenas apreciado por cinéfilos. Dois relançamentos posteriores tiveram receções semelhantes, antes do grande sucesso que teve a versão definitiva em 1965.

Depois de *A Grande Ilusão* e *A Fera Humana*, Renoir estava cansado da psicologia nos filmes. Sentiu, sem dúvida, que em vez de analisar, precisava de mostrar, que precisava de se mexer em vez de tocar. Tal como o próprio explicou numa entrevista, as “regras do jogo são aquelas regras da sociedade sobre as quais devemos ficar alerta se não quisermos ser esmagados”. É um problema de sinceridade no amor: “A desonestidade é um adorno que pesa... Gente sincera é tão chata... Eu queria desaparecer, meu amigo, para nada mais ver... E aí já não tentaria descobrir o que é bom e o que é mau; porque neste mundo existe uma coisa horrível: é que cada um tem as suas razões. Eu sofro, e não suporto isso”. Estes comentários sugerem o tom do filme e mostram a importância do elemento moral.

As nove personagens principais de *A Regra do Jogo* têm problemas sentimentais para resolver, e já que o filme os mostra na véspera de uma crise, vê-los-emos a comportarem-se no seu pior. De todos eles, o único sincero é o piloto André Jurieu, desconfortável num meio estranho, que liberta a comédia dramática onde ele próprio é a única vítima, precisamente por não ter seguido a regra do jogo.

Autênticos esqueletos ridículos, as personagens de *A Regra do Jogo*, vistas

num momento crítico na sua decadência, trocam a farândola (“é agradável, mas um pouco antiquado”) por uma dança macabra que assalta os sentidos. Para o ostensivo propósito de uma visita, são levados a mascararem-se, isto é, a tirarem as suas máscaras. As sombras dos mestres e criados misturam-se e mesclam-se na imagem de um estilo de vida sibarítica que não tem como se manter: o homem é imperfeito, é um mentiroso-nato, e para além disso, “se o amor for dotado de asas, não será para ser agitado?” *A Regra do Jogo* é um filme profundamente pessimista, um amargo e profético carnaval onde a própria amizade é exposta como se se tratasse de um qualquer outro jogo vazio. “Eu não acredito em grande coisa, mas começo a acreditar na amizade”, cofia La Chesnaye a Jurieu, falando de Octave, o seu amigo comum, que nesse momento está pronto para levar dali a mulher que os dois amam.

Depois da caçada, Christine de La Chesnaye acompanha, através de uma luneta, as atividades de um esquilo empoleirado no ramo de uma árvore. De seguida, surge um tributo à ótica dos vidros, que gostaríamos de pensar que também é atribuível à definição da câmara, bem como uma homenagem ao operador de câmara: “A sua lente é tão poderosa e tão bem feita que, a uma curta distância, vemos toda a vida privada do animal sem que ele disso se aperceba”.

Pessoalmente, não me ocorre outro cineasta que tenha colocado mais de si – e do melhor de si – num filme como Jean Renoir o fez em *A Regra do Jogo*.

François Truffaut
(excerto traduzido de “Filmography”
em *Jean Renoir* de André Bazin, 1974)

PRÓXIMAS SESSÕES

10 MAR | DOM | 17H00

LE NOTTE DI CABIRIA | AS NOITES DE CABÍRIA

Federico Fellini | ITA, FRA | 1957 | 118'

17 MAR | DOM | 17H00

DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL

Glauber Rocha | BRA | 1964 | 120'

www.serralves.pt

 /fundacao_serralves

 /fundacaoserralves

 /fundacaoserralves

 /serralves

Fundação de Serralves

Rua D. João de Castro, 210
4150-417 Porto – Portugal

serralves@serralves.pt

Linhas gerais:
(+351) 808 200 543
(+351) 226 156 500

Chamadas para a rede
fixa nacional.



Apoio institucional

